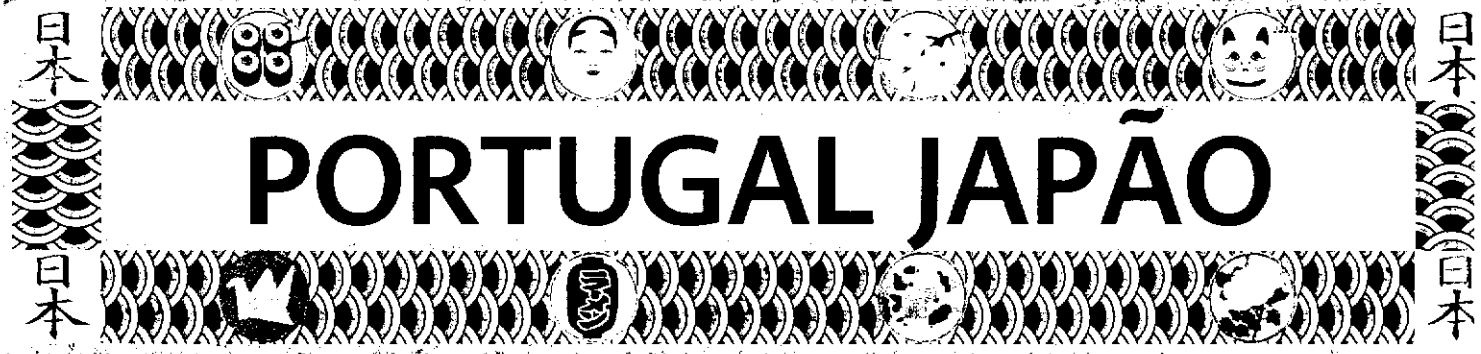


Os portugueses chegaram ao Japão em 1542 ou 1543. O tratado de paz foi assinado em 1860. Celebram-se 150 anos do Tratado Paz e Amizade luso-nipónico em



O vento nas velas

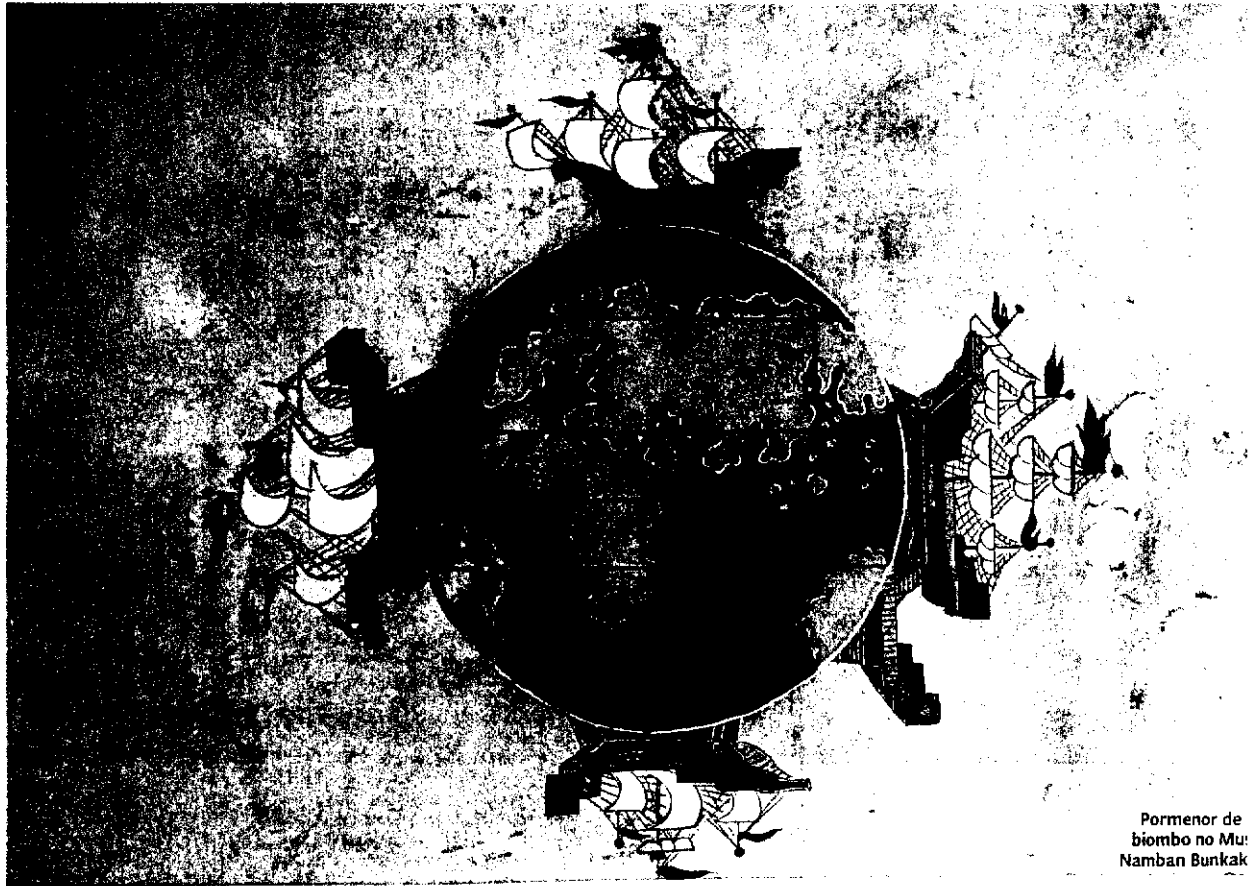
Portugueses e japoneses mantiveram uma relação intensa nos séculos XVI e XVII, que muito contribuiu para mudar a história do país do Sol Nascente.

Talvez por isso, esses episódios de outrora são hoje muito mais lembrados no Japão que em Portugal.

A celebração do 150º aniversário da assinatura do tratado de paz entre Portugal e o Japão é um bom pretexto para revisitarmos a nossa história comum. O Centro de História de Além-Mar, da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, associou-se ao Expresso e tem mantido o blogue "O vento nas velas", em que tem abordado diversos aspetos dessa história vibrante e peculiar.

Parte desse trabalho é retomado nesta publicação, juntando artigos de opinião e uma entrevista concedida pelo embaixador do Japão em Portugal.

Esperamos reencontrar-nos consigo, caro lei-



Pormenor de biombo no Mu: Namban Bunkak



TÉCNICA

ue Monteiro

Martins

ções
lo Viana

no
ula Bouças

de opinião

aria Ramalho
io
Castel-Branco
ulo Oliveira e Costa
Canavarro

ra
ida Paes

nação

Castel-Branco
ulo Oliveira e Costa

mentos

tação deste suplemento
el graças ao contributo do
ultural de Toquio do
Camões, do Museu de
o Museu do Castelo de
o Museu Nampoan
1. do Museu de Nagasaki
3. Arquitectura Paisagista.
nos de agradecer a todos
adores do blogue "O
s Velas" e a quem o tem
om textos e ideias: Paula
o Toquio, Philip de Sousa
Eduardo Khol de
Pedro Canavarro, Ana
nard da Costa, Alberto Vaz
nês Pinto Coelho, Raquel
Madalena Soares
e Alice Mattoso.

Encontro das duas culturas

Não se sabe a data exata da chegada dos portugueses ao Japão. Mas foi seguramente em 1542 ou 1543. Não se sabe qual o navegador que chegou primeiro. No entanto, ao contrário de tantos lugares onde chegámos, os japoneses documentaram o encontro e ficou registada a impressão que nos japoneses esta "nova" gente fez. Escreve-se em 1606, na "Teppo ki, a Crónica da Espingarda": "Estes homens, bárbaros do Sudoeste, são comerciantes. Compreendem até certo ponto a distinção entre superior e inferior, (...) mas não sei se existe entre eles um sistema próprio de etiqueta. Bebem em copo sem o oferecerem aos outros; comem com os dedos e não com pauzinhos como nós". Este relato de um povo incivilizado, mas inofensivo, é surpreendente; ao chegar ao Extremo Oriente inverteram-se os papéis: em vez de considerarmos as populações indígenas "povos bárbaros", são os portugueses a serem considerados *namban*, que quer dizer bárbaros do Sul. As descobertas ofereciam toda a gama de experiências e os descobridores haviam de se adaptar a todas elas. Entre outras provas de selvajaria dos portugueses surgiam as

emoções expostas: "Estes bárbaros do Sul mostram os seus sentimentos sem nenhum reboço [...] são gente que passa a vida errando de aqui para além, sem morada certa, e trocam as coisas que possuem pelas que não têm, mas no fundo são gente que não faz mal".

Do lado português há também boas impressões. S. Francisco Xavier vai ao Japão e de Kagoshima envia uma carta, datada de 1549, na qual descreve, com admiração, os japoneses: "A gente que ate gora temos conversado, he a melhor que ate gora está descoberta, e me parece que entre gente infiel não se achará outra que ganhe aos Japões. He gente de muy boa conversação, geralmente boa, e não maliciosa (...) e estimão mais a honra que nenhuma outra cousa: he gente pobre em geral e a pobreza entre os fidalgos não a tem por afronta... estimam mais a honra que as riquezas".

Uma carta do dáimio de Kagoshima, enviada em 1582 ao padre provincial da Companhia de Jesus na Índia, mostra a afabilidade que havia do lado japonês: "(...) e justamente por os portugueses serem bons homens, folgamos muito que venham a nossas terras, porque aqui não lhes farão

nenhum agravo, antes em tudo serão favorecidos, porque depois que o mundo é mundo não vimos tal gente como são os portugueses".

Cosme de Torres, outro jesuíta empenhado no Japão, confirma a ideia de Xavier e diz dos japoneses, em carta escrita a 29 de setembro de 1551: "Em todo o descoberto não há homens da sua maneira: tem mui linda conversação que parece que todos elles se criaram em paços de grandes senhores: os cumprimentos que tem uns com os outros he impossivel poderse descrever: murmurão pouco dos seus proximos e a nenhum tem inveja...".

O mesmo padre Cosme de Torres, 10 anos mais tarde, em 1561, afirma que "a gente é muy blicosca e tem muita semelhança com os Romanos antigos em pontos de honra...". Ainda Paulo de Santa Fé de Goa escreve, em novembro de 1548, sobre os japoneses: "(...) gente de muy juizo e curiosa de saber, asi nas cousas de Deus, como nas otras cousas da sciencia".

O interesse espontâneo pelas "cousas da sciencia" e a preparação intelectual dos jesuítas permitiu que este encontro fosse produtivo e a civilização europeia entrou no Japão pelo próprio interesse dos japoneses e não imposta por força exterior. No prefácio do livro de Luís Fróis que expõe "O Tratado das Contradições", publicado pela Comissão dos Descobrimientos, José Manuel Garcia afirma que "os conhecimentos científicos portugueses que mais larga aceitação tiveram no Japão situam-se no domínio da Medicina, da Astronomia, da Cartografia, da Náutica e da construção naval. (...) Os japoneses obtiveram importantes conhecimentos da geografia da Terra graças aos mapas trazidos pelos portugueses, que em alguns casos eles copiaram". Aceitaram com facilidade que a terra fosse redonda e perceberam bem o papel dos portugueses na junção por caminho marítimo dos vários continentes.

Não haverá forma mais clara e mais completa de o expressar que aquela que pintaram num biombo existente na coleção particular do Museu Namban Bunkakan em Osaka, em que o globo terrestre é envolto em caravelas.

Uma das peças de maior interesse neste encontro de extremos geográficos é o já referido "Tratado das Contradições", onde Fróis põe em oposição os nossos usos e costumes com os dos japoneses. Foi recentemente traduzido por Michel Chaudaigne e prefaciado por Claude Lévy-Strauss, que sugere o que terá permitido esta aceitação e interesse mútuo durante o século de presença portuguesa no Japão: "A simetria que se reconhece entre duas culturas une-as, opondo-as. Surgem ao mesmo tempo semelhantes e diferentes como a imagem simétrica de nós mesmos refletida num espelho". Lévy-Strauss explica ainda como duas culturas tão claramente diferentes conseguiram atingir uma interação pacífica e amigável que deu frutos a muitos níveis: "Quando o viajante se convence que os usos em total oposição com os seus, que seria tentado a desdenhar e rejeitar com nojo, lhe são de facto idênticos vistos ao contrário, ele arranja maneira de absorver a estranheza e de a tornar familiar". Assim terá acontecido com os jesuítas portugueses e com os japoneses.

Strauss afirma também que foi usando a simetria que Luís Fróis, sem o saber, nos ofereceu uma forma de compreender a razão profunda através da qual, a meio do século XIX, o Ocidente adquiriu o engenho de se redescobrir nas formas e sentimentos estéticos e poéticos que lhe propunha o Japão. Também o Oriente se renovou no encontro com o Ocidente, naquele século cristão, de presença portuguesa no Japão, entre 1543 e 1640.

Em 1728, Engelbert Kaempfer já havia notado "uma certa semelhança natural entre o espírito e tendências dos portugueses e japoneses nascidos em climas idênticos; e em particular uma grande afabilidade e uma composta e agradável gravidade comum às duas nações" [6], sugerindo que a amizade que foi tecida há mais de 450 anos, e que ainda hoje é celebrada entre os dois países, decorre do caráter próprio e genuíno destas duas nações. E constitui uma inspiração e um símbolo para a coexistência de civilizações e culturas no complexo século XXI que se inicia.



O embaixador grande amigo do Japão

O embaixador Armando Martins Janeira (1914-1988) foi o responsável pelo ressurgimento dos estudos sobre as relações luso-nipónicas em Portugal. O seu livro "O Impacte Português sobre a Civilização Japonesa", publicado pela primeira vez em 1970, continua a ser uma obra de referência. Dentre os seus colaboradores mais próximos, destacou-se Pedro Canavarro, que assim definiu o diplomata no prefácio à 2ª edição do "Impacte", em 1988.

"Armando Martins Janeira foi — sem dúvida — o português que durante este século mais viveu o Japão (...).

Armando Martins Janeira foi ao fim e ao cabo embaixador em ambos os países tanto quanto profundo conhecedor de ambas as cultu-

ras! Numa perspicácia equilibrada de quem, não sendo insensível ao futuro consubstanciado já no forte crescimento económico, político e cultural do Japão, estimula tanto quanto pode e acredita tanto quanto deve no espaço e presença portuguesa como valores atuais e atuais para o Japão do século XXI.

Esta perspetiva de encontro atual renovado sobre o impacto passado consegue-o inteligentemente Armando Martins Janeira, descobrindo-o em si mesmo enquanto transmontano que percorreu o mundo. (...)

Percorrendo o mundo, buscando especialmente no continente asiático as fontes do seu pensar em constante projeção, ultrapassando Wenceslau de Moraes no

encanto nipónico ensimesmado na tradição milenária, é Armando Martins Janeira o maior obreiro neste século da ponte a construir nesta centúria entre Portugal e o Japão.

É uma vasta arcatura que ele projeta, arrancando de ambos os lados sobre os pilares do primeiro encontro entre o Ocidente e o Oriente, ora revendo-se na terra e na água que nos colocaram face a face, ora no repensar conjunto que a aprendizagem humilde sempre implica a quem, em cada civilização, sempre encontra o necessário e o complementar do seu todo".

Para mais informações sobre este grande vulto da cultura portuguesa veja: <http://armandomartins-janeira.net>

Armando Martins Janeira

es. rios e diplomata 1914-1988



Para mais informações sobre este grande vulto da cultura portuguesa veja: <http://armandomartins-janeira.net>

Mais sobre o embaixador em <http://armandomartinsjaneira.net>



Luís Fróis, o primeiro japonólogo europeu

“É terra bem assombrada e graciosa”

Os jesuítas chegaram ao Japão em 1549, sob a orientação de São Francisco Xavier. O fundador da missão foi o primeiro a intuir que a difusão do Cristianismo poderia ser muito bem sucedida naquele país, se os missionários fossem capazes de se adaptar minimamente à cultura local.

Depois da partida de Xavier, o seu sucessor, o padre Cosme de

Torres, apoiou os esforços de acomodação, mas os pioneiros desse processo de aproximação cultural foram dois sacerdotes portugueses: Gaspar Vilela e Luis Fróis. Vilela foi o fundador da missão em Quioto e aí viveu seis anos (1559-1565) sozinho entre japoneses, pois todos os seus auxiliares eram nipônicos. Em 1565, foi substituído por Luis

Fróis, que chegara ao país havia dois anos. Fróis, aproveitou as experiências do seu predecessor, aprofundou-as e embrenhou-se na cultura japonesa. Observador perspicaz, relatou para a Europa as campanhas da guerra civil que se travavam em torno da capital imperial e assistiu à emergência de Oda Nobunaga, o grande guerreiro que desencadeou o processo de reunificação do Império do Sol Nascente. As suas cartas, relatando os frutos da missão e os sucessos da guerra civil, ganharam fama na Europa e eram traduzidas para várias línguas assim que chegavam a Lisboa e a Roma.

Autor da crônica da missão relativa aos anos de 1549 a 1593, os textos de Fróis são hoje uma fonte incontornável para a História do Japão na segunda metade do século XVI. Fróis escreveu um outro texto, o “Tratado das Diferenças entre a Europa e o Japão”, em que explicava, através de mais de 600 exemplos, que as duas civilizações eram quase opostas em suas práticas... no entanto, eram igualmente civilizadas. Nenhum outro autor quinhentista foi tão longe na aceitação de práticas culturais de outros povos quanto este jesuíta nascido em Lisboa. Na verdade, poucos europeus do século XVI se terão adaptado de forma tão profunda a uma outra civilização sem terem rejeitado a sua própria. Fróis foi um dos raros que encontrou o equilíbrio — não trocou umas verdades por outras, antes percecionou a alteridade e o carácter relativo de valores que nos nossos pequenos mundos parecem absolutos. Por isso, escreveu que se o suicídio era pecado na Europa, no Japão, o haraquiri podia ser a honra suprema de um guerreiro. Fróis foi, por exemplo, um dos primeiros europeus (e muito provavelmente o primeiro missionário) a experimentar tratamentos por acupuntura. Foi, pois, um dos fundadores do método da acomodação, antes da chegada dos jesuítas italianos ao arquipélago nipónico.

JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA



Estátua em parque dedicado a este sacerdote português



A primeira descrição da paisagem do Japão foi feita pelo célebre capitão português Jorge Álvares, aventureiro dos mares do Oriente.

O encontro começa por ser em Malaca, com o jesuíta Francisco Xavier, que lhe pede uma descrição do Japão. Jorge Álvares entrega-a em 1548. O texto começa assim: “Isto é o que alcancei da terra de Japão” e ainda pode ser usado para descrever o que se vê hoje. A descrição era feita em 20 pontos, revelando a paisagem da costa e das áreas rurais das ilhas do Sul e explicando a vivência japonesa.

Nesta ilha, os aventureiros e missionários portugueses do continente e dos Açores sentiram-se em casa. As paisagens de costas recortadas, a cair sobre o mar — “Esta terra de Japão é alta ao longo do mar...” —, as baías naturais, tudo lembra a costa portuguesa. A terra é toda “aproveitada”, indicando gente de trabalho e clima propício: “... dá cada ano três novidades, desta maneira: em novembro semeiam trigo, cevada, na-

bos e rábanos... que em março semeiam milho, mungo, grãos e patacas, pepinos, em julho semeiam inhames, alhos, cebol do isto é com estercor de uma terra com estercor valos...”. As zonas eram, e continuam a tensamente cultivada getação natural nas e é semelhante à vegetação rural da costa norte da ilha dos Açores.

Foi nesta paisagem de beleza natural — “bem assombrada e gr: de muitos pinhais e c ameixeiras e cerejeira segueiros (...) e parre uvas brancas, que sabe to bem, as quais eles miam e, com verem c as comíamos, as cor que logo se instalaram parceria produtiva, os de ideias para receber de nau portuguesa que comércio com a China minários e igrejas dos nários jesuítas.

CRISTINA CASTEL-BR.

Em Tanegashima celebra-se Portugal

Em 1993 uma 'embaixada' onde participaram Alberto Vaz da Silva, Graça Morais e Jorge Borges de Macedo partiu para o Japão para festejar os 450 anos do encontro das duas culturas. O registo da experiência de viajar pelas terras onde os portugueses viveram com os japoneses no séc. XVI é feito de emoções e história. Por um lado, o efeito de surpresa e fascínio do lugar em si, da paisagem e da população a celebrar Portugal em sítios tão remotos: "As crianças que, à chegada, agitavam bandeirinhas olhavam atentamente o folheto em forma de leque que lhes dávamos: reuniram-se, envolveram-nos, dissiparam-se como numa encenação de *kabuki*" — teatro clássico dramático cantado e dançado. Por outro lado, o conhecimento da história desse encontro quinhentista, a partilha de culturas e a descrição dos elementos que ali o confirmam: "O museu histórico e etnográfico alberga várias curiosidades, um notável teatrinho mecânico de marionetas que reconstitui a chegada dos portugueses à ilha e a apresentação da espingarda ao daimio (sem omitir o imediato esforço dos ferreiros locais, de vestes brancas como os sacerdotes, para a reproduzir): uma extensa coleção de armas descendentes da primeira."

A acompanhar o texto de Alberto Vaz da Silva, os desenhos de Graça Morais são como sobreposições de camadas de tempo entre hoje e o séc. XVI e rematam bem o efeito emoção/história: "O nosso conceito de exotismo apura-se ao depararmos numa vitrina com o traje de gala de um embaixador ocidental ao lado de um capote alentejano.



Quioto: Jardim do Musgo Kokodera em novembro

Mas o momento culminante da visita, não sei se era a hora do galo, do rato, ou da raposa, foi aquele em que uma mulher portuguesa calçou luvas brancas para empunhar, com olhar intrépido, a mesma arma que quatrocentos e cinquenta anos antes um seu compatriota revelara ao Japão. Existe uma fotografia em que o anfitrião que assiste à ce-

na ri com a satisfação que só os japoneses sabem exprimir com um sublinhar de sobranalha espessa. Recordo César Torres, em 1551: em todo o descoberto não há homens da sua maneira: têm mui linda conversação que parece que todos eles se criaram em paços de grandes senhores."

A paisagem da ilha de Kyushu é-nos revelada em pinceladas lu-

sas que servem só de suporte a um entranhar da mágica cultura japonesa, em que tudo é símbolo, tudo encerra significado além da sua própria forma: "A estrada junto ao mar trata as ilhas da costa por irmãs. Quase podemos tocá-las e perguntar-lhes se viajam, como asseveravam os antigos imortais, no dorso de tartarugas gigantes, se nelas respiram gran-

des lapas soalheira voos de gaivotas [...] de com o mar, parbordado de ilhas, o sa guia são ilhas tados pela maré cheia sulfurosas e vulcânica rem a tudo um derprescritível."

MARGARID
e CRISTINA CAS

O Japão na nossa língua

Que grande surpresa!! Vi-me num supermercado de produtos só japoneses, meninas das caixas todas japonesas, uma fila certinha de japoneses para pagar, e ouve-se em bom português "Tem cartão Marusai de descontos?" Estava no Bairro da Liberdade em S. Paulo, no Brasil, onde se foi instalando desde 1908 a comunidade emigrante japonesa que veio reforçar a expansão económica do Brasil como mão-de-obra para as grandes fazendas de café, para os caminhos-de-ferro, etc. Ela se enraizou, formando hoje uma comunidade de cerca de 2,5 milhões.

É heroica a história desta emigração organizada, que começou com 764 vistos para trabalhadores embarcados no Kasatu-Maru e chegados em condições desumanas e é comemorada hoje com



Supermercado japonês no Bairro da Liberdade em São Paulo

grande respeito pela comunidade nipo-brasileira que se enraizou no Brasil. Das histórias de esforço e dificuldade de integração destacam-se as da chegada, em que a falta de higiene nos bairros de trabalhadores criou mais desalento do que as duríssimas condições de trabalho de apanha do café.

Não havia nem banheiras nem retretes!!!

A crise de 29 e a II Guerra Mundial pioraram as condições de emigração mas a qualidade dos trabalhadores japoneses, a sua persistência até vingarem na sociedade brasileira, ficaram bem expressas, surgindo filmes, docu-

mentários, fotografia e pintura que registam a história. A capacidade de manterem vivas as suas tradições é ponto forte dos japoneses e por exemplo encontrei anunciadas no jornal Bunkyo-news (www.bunkyo.org.br): "Homenagem à longevidade e respeito aos pioneiros", com a fotogra-

ria atual de 30 pessoas acima dos cem anos que vieram no barco inicial. E a veneração pelas coisas antigas à qual se junta o gosto pelas artes clássicas japonesas: são oferecidos cursos de Ikebana para jovens que venham a manter viva no Brasil a tradição dos arranjos florais, das artes marciais, da calligrafia.

Encontrei ainda no coração do parque de Ibirapuera, desenhado por Burtle Marx com notáveis pavilhões e estruturas de Oscar Niemeyer, um pavilhão japonês rodeado por um jardim. Tudo certo: as plantas, as pedras, o lago, as carpas... mas faltava a manutenção e só isso fazia perder toda a estética japonesa, passando a ser um espaço da tropicalidade por vezes pouco cuidada de jardins brasileiros.

A diferença destas duas culturas separadas por 12 fusos horários é máxima e é simétrica: naquilo em que os japoneses são fortes, os brasileiros são fracos e vice-versa. Admito que o sucesso seja mais fruto de uma complementaridade de extremos e de uma conjuntura mundial difícil que já não permitiria voltar para trás, do que de uma adaptação ao meio brasileiro. Relembrei, claro, a notável adaptação dos portugueses do século XVI ao Japão e as nossas 200 palavras na língua japonesa... agora lites aos nipo-brasileiros.

CRISTINA CASTEL-BRANCO

Jardins japoneses

No jardim japonês tudo é sossego e veneração, como se neste espaço misterioso viessemos encontrar o próprio mestre do chá, o grande padre do templo ou mesmo o shogun. Mesmo o tirar dos sapatos e a passagem descalça para os tapetes de palha tatami que revestem completamente o chão, é mais um ritual para nos aproximarmos dos antigos (tudo aqui é antigo, tudo tem história, nada tem menos de séculos ou milénios) que nos séculos passados ali viveram, ali contemplaram as mesmas rochas que agora se nos revelam enigmáticas, quase com vida, em contraste negro com o branco do quartzo penteado.

Marcaram-me, no primeiro contacto, as pedras. Os muros de pedra assente de forma tão diferente da nossa, os pavimentos onde cada pedra foi encaixada na outra como um puzzle sem interva-



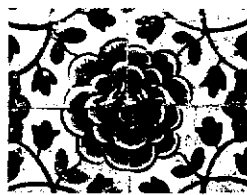
los, mas como que deixando as formas naturais. Sobre este assunto das pedras há termos próprios porque há técnicas milenares para cada tipo de muro em pedra e a quantidade de termos relacionados com pedras no glosário de termos japoneses indica a sua importância nos jardins e nas construções. Muitos livros se escreveram e escrevem sobre a disposição das pedras no jardim zen, os seus significados, as suas formas, e conhece-se toda a história da sua evolução como entes fundamentais do jardim zen, "zen e chá têm o mesmo gosto".

Os portugueses que descrevem estes jardins no século XVI fici-

ram profundamente confundidos com esta nova estética mas sabemos que admiraram as flores que nunca tinham visto: as japoneiras!

No norte de Portugal chama-se japoneira à camélia e a partir desta duplicação de nome levantou-se a suspeita. Terá vindo a camélia do Japão para Portugal? Foram os portugueses depois do contacto e do fascínio seiscentista pelo Japão quem primeiro trouxe a camélia para a Europa?

Cabe este mérito aos jesuítas portugueses no século XVI ou teremos que admitir só a versão oficial do século XVIII: Kamel, missionário jesuíta nascido na Morávia, mandou sementes da China, redigi-



(Em cima) Azulejos de camélias. Palácio de Fronteira, c.1668; (À esquerda) Jardim da residência de Shigemore Mirei, Quioto

um tratado sobre a planta, e em 1734 (trinta anos após a sua morte) o reconhecimento dos botânicos levou à utilização do nome Camélia (o K não existia no alfabeto latino!) para designar a introdução na Europa desta nova planta que revolucionou os nossos jardins?

A juntar à suspeita encontra-se um documento pouco oficial mas muito bonito: os azulejos do Palácio de Fronteira, construído por volta de 1668, onde aparecem camélias e os seus botões, bem antes de Kamel ter nascido.

As plantas vivas eram levadas e trazidas pelos navegadores portugueses nas suas naus. Antes das viagens oceânicas, apenas semen-

tes podiam ser trazidas com facilidade nas caravanas terrestres. E assim as cartas dos jesuítas confirmaram que foram levadas para o Japão e aí plantadas pela primeira vez plantas de que os jesuítas aí instalados tinham saudades e precisavam: a oliveira, a vinha, a figueira, o marmeleiro, o pessegueiro, e traziam outras. Quais? Podia a camélia resistir a uma viagem tão longa ou veio em semente? Terá vindo acompanhada da nespereira (*Eryobotrium japonica*) também tão difundida nos jardins e pátios portugueses. Não encontramos documentos que o confirmem.

A camélia é um arbusto ou árvore pequena, com origem nas florestas do sul do Japão, precisa de solos ácidos e de muita chuva, mantém a folhagem todo o ano e dá flores no inverno. Flores sem cheiro mas de uma perfeição inigualável, que exigem pouca manutenção, apesar da sua sofisticação. Todas estas características a fizeram vingar no norte de Portugal e os jardins encheram-se de camélias em forma livre, podadas em forma de casa, em paredes com janelas, em sebes e no meio das matas, e todo o norte de Portugal assim floresce no inverno.

CRISTINA CASTEL-BRANCO

Opinião
Por Cristina Castel-Branco



IMPRESSÕES DO JAPÃO NOS PORTUGUESES

Desacomodei-me e fui ver o que era o Japão. Fui sozinha, percorri, vi, ouvi, escutei atentamente, senti, deixei-me entantar, mas sempre longe de perceber o Japão e os japoneses.

Intuitivamente senti que as grandes diferenças entre o Ocidente e o Japão se encontram na percepção do tempo e na relação que alimentam com a natureza. Talvez por isso, nos jardins (expressões isíveis da composição dos processos naturais, repositórios de tempo e ecossistemas de substituição) tenha percebido alguma coisa da requintadíssima arte japonesa de manusear os elementos naturais: a luz, a chuva, as plantas, as pedras e os lugares preparados para o homem nos jardins. Mas nada percebi o Japão ou dos japoneses.

A meio da estada, os próprios japoneses me contaram, e eu ouvi com espanto, o que os portugueses no século XVI

durante 100 anos de Japão haviam deixado, criando uma relação tão forte que a língua japonesa absorvera e ainda hoje tem 200 palavras de origem portuguesa. Sabia que lhes oferecemos uma espingarda, mas desconhecia que lhes ensinamos técnicas de pintura, conhecimentos de geografia, cartografia, construção náutica, introduzimos a música clássica, a tipografia e nas suas ilhas plantámos pela primeira vez a vinha, a oliveira, o marmeleiro, o pessegueiro e a figueira. Como aconteceu esta aculturação? Mas uma vez não percebo; mas é pena que não nos contem este relato de encontros e aceitação, quando aprendemos a História de Portugal.

Dois portugueses desse tempo dedicaram a sua vida e deixaram obra escrita sobre o Japão: João Rodrigues que escreveu "A História da Igreja no Japão" e Fróis que nos legou em cinco volumes a "História do Japão" e identifica as diferenças no "Tratado das Contradições entre a Europa e o Japão", registo útil para sabermos o que existia no Japão naquela época, a impressão que fez nos portugueses e a impressão que ainda hoje nos faz por ser tudo ainda tão igual.

João Bénard da Costa esteve no Japão em 2001 e escreveu "Quinze dias no Japão". Também confessa "só perceber que não se percebe nada", como não percebeu Fróis, bastando para isso ler o título completo das "Contradições": "... E são muitos dos seus costumes tão remotos, peregrinos e alongados dos nossos que quasi parece incrível poder haver tão oposta contradição em gente de tanta polícia, viveza de engenho e saber natural como têm..." e Fróis não desistiu de tentar perceber, pondo em simetria mais de 600 opostas contradições.

Mas tal como me aconteceu com os jardins, Bénard da Costa também intuiu a forma do tempo como o lugar onde se aloja a maior diferença entre as duas culturas e recorre a lugares que visitou para

abordar o tempo. O santuário de Isé é o templo xintoísta mais antigo (séc. I), representante da religião original do Japão que assenta no conceito da renovação, da recriação do espírito e do corpo pela destruição e reconstrução de 20 em 20 anos do templo, tudo se mantendo ao longo dos séculos exatamente igual. Cada pessoa durante a sua vida consegue assistir no máximo a quatro destas reconstruções em fac-símile autêntico, e normalmente lembra-se de três. Fica assim assegurada a passagem de conhecimento das técnicas de construção. "Por forma que seja impossível, nos nossos critérios historicistas, afirmar se Isé tem seis anos ou dois mil... o tempo desagua no tempo, numa volta que nada tem de comum com o nosso sentido retilíneo da história. Tudo coexiste em camadas, como parece que sucede, para que as eras mais remotas, nos estratos descobertos pelas escavações dos arqueólogos. Só que as camadas se não se sobrepõem: entrelaçam-se... certamente em nenhuma outra (das culturas que conheço) encontrei uma tal anulação de cronologias, espaços e tempos percorriáveis e mensuráveis em tantas e jamais retilíneas direções".

No jardim Korakuen, em Tóquio, torna-se ainda mais evidente esta descoberta de Bénard da Costa: um jardim embudado no meio de pavilhões desportivos e arranha-céus. Nele o efeito do tempo circular espelha-se no traçado do passeio que rodeia o lago irregular, com penínsulas e ilhas. Um primeiro nível de percurso circunda o lago. Em certos pontos o caminho bifurca e cria um segundo círculo em redor de um monte, de um pântano de lírios, de uma pedra enorme e volta de novo ao caminho principal, não muito longe do sítio donde partimos. Existem vários pontos onde estes segundos círculos se iniciam e neles por vezes terceiros caminhos circulares se abrem, repetindo-se em mais pequena escala a estrutura que antes vimos no caminho principal.

Rodrigues, no século XVI, expressa as emoções, ao deparar-se com uma

COMO ACONTECEU ESTA ACULTURAÇÃO? MAIS UMA VEZ NÃO PERCEBO; MAS É PENA QUE NÃO NOS CONTEM ESTE RELATO DE ENCONTROS E ACEITAÇÕES, QUANDO APRENDEMOS A HISTÓRIA DE PORTUGAL

nova arte, a do chá, que se entrelaça com a dos jardins, pois o mestre do chá é também o arquiteto do jardim. A descrição dos jardins é feita com ênfase no ponto de encontro: a casa do chá. Ainda hoje, e passaram já quase 500 anos, as dimensões, os materiais usados e os costumes que se praticam na casa do chá se mantêm. Tudo é composto numa estética de simplicidade, que foi descrita por Rodrigues: "... tudo o que serve no Suky é tosco e vil como são casas de madeira tosca e velha, coberta de feno e caniços velhos, bojoins e vasos de barro tal mal feitos... percolanas de barro para beberem, fogão de barro, panela ou caldeirão de ferro velho, caminho de pedra tosca, pia de água as mãos do mesmo, árvores montezinhas infrutuosas e bosque com o chão cheio de musgo e vellice e outras coisas todas toscas e de nenhum lustre à vista, que parecia delectar e alegrar os sentidos...".

Através da sua manutenção as tradições encapsularam o tempo, e para se entrar numa casa de chá temos ainda hoje quase de rastejar, como o descreve Rodrigues. Talvez por isso seja tão importante no templo Zen de Eiheiji descrito por Bénard da Costa que as pessoas que chegam sejam ensinadas com precisão a usar os gestos rituais e não haja desvios que alterem os círculos repetidos do tempo. Quem viu há 500 anos, e Rodrigues descreve-o, vê o mesmo hoje, tempo apanhado nas teias da repetição humana.

Visitei o jardim de Ginkakuji em Quioto e revi toda a descrição de Rodrigues, mas uma apreciação diferente da natureza que a evolução histórica e científica me permite, permitiu fazer o mesmo périplo pelas margens cobertas de musgo, já com 400 anos, em silêncio e em elevação como se o tempo tivesse deixado de passar e já na eternidade, no paraíso, caminhassem sem peso.

Arte namban

A designação *namban* remete-nos para um contexto histórico preciso, já que no Japão o termo foi pela primeira vez aplicado aos portugueses que chegaram ao arquipélago em 1543 (os *namban-jin*), passando a palavra a ser sinónimo, na História da Arte japonesa, das obras de arte que surgiram após os primeiros contactos entre japoneses e europeus, sobretudo durante o "século cristão".

Apesar de na sua grande maioria a arte *namban* ter sido produzida no Japão sob influência europeia durante este "século cristão" (1543-1639), o termo acabou por abranger as obras de arte japonesas que resultaram do contacto com a presença euro-

peia ou que, de algum modo, dela participaram.

Optámos, contudo, por uma interpretação circunscrita deste fenómeno artístico e cultural, reportando-o a toda a manifestação resultante dos contactos estabelecidos entre os japoneses e os *namban-jin*. Excluímos, assim, a entrada em cena dos holandeses, os únicos protagonistas de um elo efetivo entre os dois extremos do globo no período que se estendeu de 1639 a 1854.

A justificação reside não apenas no facto de os reflexos deste outro encontro no campo das artes visuais se ter feito sentir verdadeiramente somente a partir da segunda metade do século

XVIII, mas fundamentalmente porque o mecanismo que esteve por trás desta procura "consciente" do Ocidente se pautou por diferentes premissas.

A dificuldade em definir balizas cronológicas, um repertório temático e uma gramática formal para um fenómeno tão rico como este, prende-se com o facto de estarmos perante uma manifestação artística sem precedentes que teve como ponto de partida a presença de mercados portugueses e de missionários europeus no território. Foi precisamente a curiosidade despertada pela chegada da nau de trato com pessoas e objetos exóticos a bordo que começou por servir como tema de inspiração

dos *biombos* (by?bu) *namban*, as peças que ainda hoje surgem como o núcleo central do corpus da arte *namban*. Porém, a este núcleo, devemos juntar objetos lacados, cerâmicos e em metal, assim como pinturas sobre cobre, madeira e papel resultantes do seminário de pintura dos Jesuítas (ativo no Japão até 1614).

São obras que revelam indelevelmente a circulação de pessoas, objetos e materiais, assim como os mecanismos complexos de encomenda e a rede de trocas comerciais que cruzavam o globo durante aquela que foi a primeira globalização mundial.

ALEXANDRA CURVELO



Biombu *namban*, Kobe City Museum

Opinião

Por Ana Maria Ramalho Proserpio



O COMÉRCIO QUE VEIO DE LONGE

No século XVI, os aventureiros que descobriram as ilhas nipônicas, encontraram um país fechado sobre si mesmo que, rapidamente, se rendeu aos *nanbanjin* (bárbaros vindos do sul), que lhes vinham 'oferecer' produtos de outras terras em troca de produtos locais. O Japão estava, na altura, dividido em pequeno feudos e os seus senhores, desde cedo, começaram a disputar a vinda destes barcos às suas terras. Depois de várias escalas, o porto de Nagasáqui acabará por ser o eleito, passando a ser o ancoradouro anual dos barcos portugueses, de 1571 a 1639.

E se para os japoneses era importante receber estes navios, pelos produtos que estes lhes traziam, a verdade é que do lado português a disputa para fazer estas viagens era ainda maior. A razão deste tão grande interesse prendia-se com os lucros fabulosos para os seus armadores. Os portugueses logo se aperceberam de que a mercaderia que os japoneses mais queriam eram as sedas chinesas que eram trocadas por prata e cobre. É certo que também adquiriam artigos japoneses como objetos lacados, espadas e biombos, todos eles muito apreciados em Portugal e na Europa, mas o grosso do lucro vinha das sedas chinesas e da prata.

A coroa portuguesa cedo regulamentou este comércio, estabelecendo que o cargo de capitão-mor da viagem do Japão se obtinha através de uma doação, enquadrando-se nas tradicionais mercês dadas aos fidalgos pelos serviços prestados em prol do rei e do reino. E muito embora o capitão-mor tivesse o encargo de armar os navios à sua custa, correndo os riscos por sua conta, e de ainda lhe ser solicitado que fosse o governador da cidade de Macau, enquanto permanecesse lá, a

lucrativa que era considerada grande mercê recebê-la.

A coroa portuguesa conseguia, com esta doação, assegurar a administração da cidade de Macau (que tinha sido 'fundada' no decurso da década de cinquenta do século XVI por alguns mercadores portugueses e que agora carecia de governo) e ao mesmo tempo integrar o comércio do Japão nas suas rotas comerciais, assumindo a direção e a gestão de um comércio tão longínquo e proveitoso.

Mais tarde, a capitania da viagem passou a ser leiloadada pela coroa portuguesa (em vez de doada) na Feira de Cargos que se fazia em Goa. Nos primeiros 30 anos não faltaram compradores, sendo o sistema adotado de leilão muito concorrido, levando a que a viagem fosse adquirida variadíssimas vezes por valores muito acima da média. Por fim, a coroa portuguesa vai optar pela exploração direta das viagens, cabendo ao governo de Goa a sua realização (1635 a 1639).

Em 1639 a expulsão dos portugueses do Japão provoca o fim abrupto desta rota comercial tão apetecida, e são vários os fatores que levaram a isso, dos quais destacamos:

— As alterações na política interna japonesa: o Japão deixara de estar dividido em pequenos feudos, tendo uma liderança forte, de carácter absolutista que conseguiu no final do século XVI e princípios do século XVII alargar-se a todo o arquipélago.

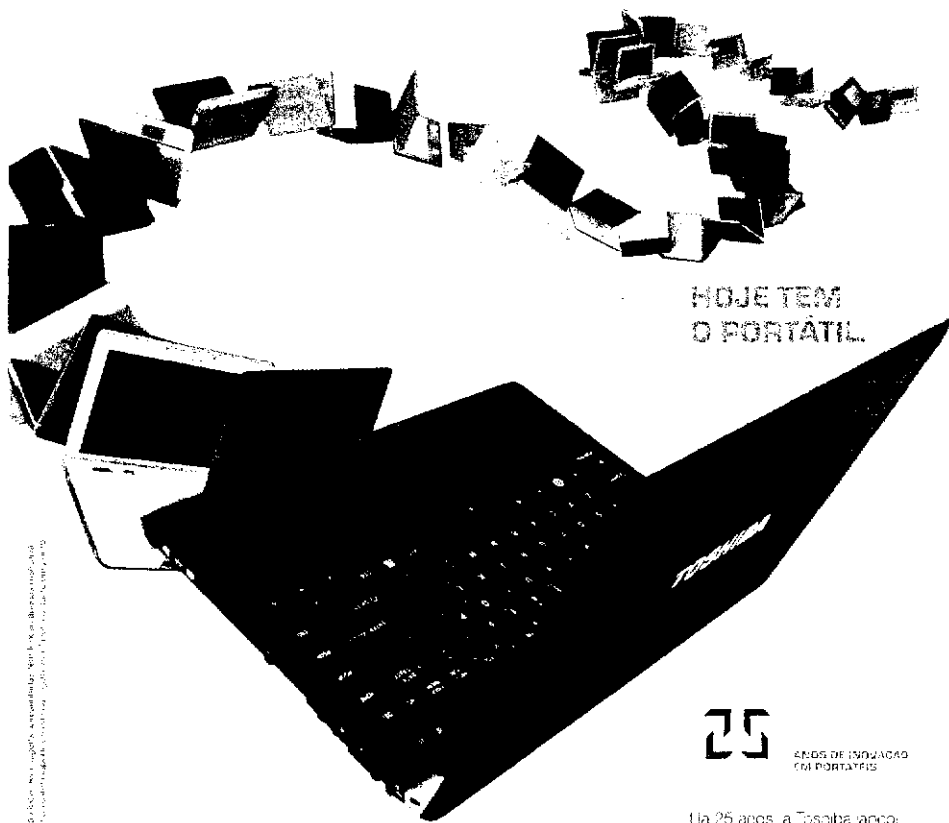
— A concorrência de outros povos: os portugueses deixaram de ser os únicos a frequentar o Mar da China, passando a concorrer com eles, os espanhóis, os holandeses e os ingleses. Os próprios chineses vão passar a deslocar-se com mais frequência ao Japão e, também, o inverso, ou seja, os japoneses, até então proibidos de comerciar fora do país, obtêm autorização de saída.

— A religião: A associação dos mercadores portugueses com os missionários foi considerada nefasta quando o novo poder central nipônico passou a olhar a religião católica como um contrapoder, proibindo-a no Japão e expulsando todos os missionários.

Assim, deixando os portugueses de serem os únicos agentes promotores do comércio externo e constituindo, por sua vez, uma ameaça, dadas as suas ligações a uma religião vista como hostil para o governo japonês, não é de admirar que os japoneses tenham optado por os portugueses.

Os portugueses tiveram que aguardar mais de dois séculos para a reabertura da rota, que ocorreu com a viagem do vaso de guerra português "Sá da Ban-

HA 25 ANOS
SE QUERIA ALGO
POTENTE, DURÁVEL
E FRESCO...
TINHA O
FRIGORÍFICO.



HOJE TEM
O PORTÁTIL.

25

ANOS DE INOVAÇÃO
EM PORTÁTEIS

Ha 25 anos, a Toshiba lançou o primeiro portátil de produção em escala. Desde então nunca mais paramos de inovar.

Portégé R700. Potente, fino e deslumbrante. Com estrutura durável, Airflow Cooling Technology, DVD e até 6 horas de autonomia.

A BELEZA DO PODER.

NOVO PORTÉGÉ R700

TOSHIBA

Leading Innovation >>

www.toshiba.pt/25anos

Trabalhe nele
à sua vontade

Windows 7

25 anos de inovação. Com 25 anos de história, a Toshiba lançou o primeiro portátil de produção em escala. Desde então nunca mais paramos de inovar. Portégé R700. Potente, fino e deslumbrante. Com estrutura durável, Airflow Cooling Technology, DVD e até 6 horas de autonomia. A BELEZA DO PODER. NOVO PORTÉGÉ R700. TOSHIBA. Leading Innovation >> www.toshiba.pt/25anos

Akira Miwa O embaixador do Japão em Lisboa confia numa aliança económica futura

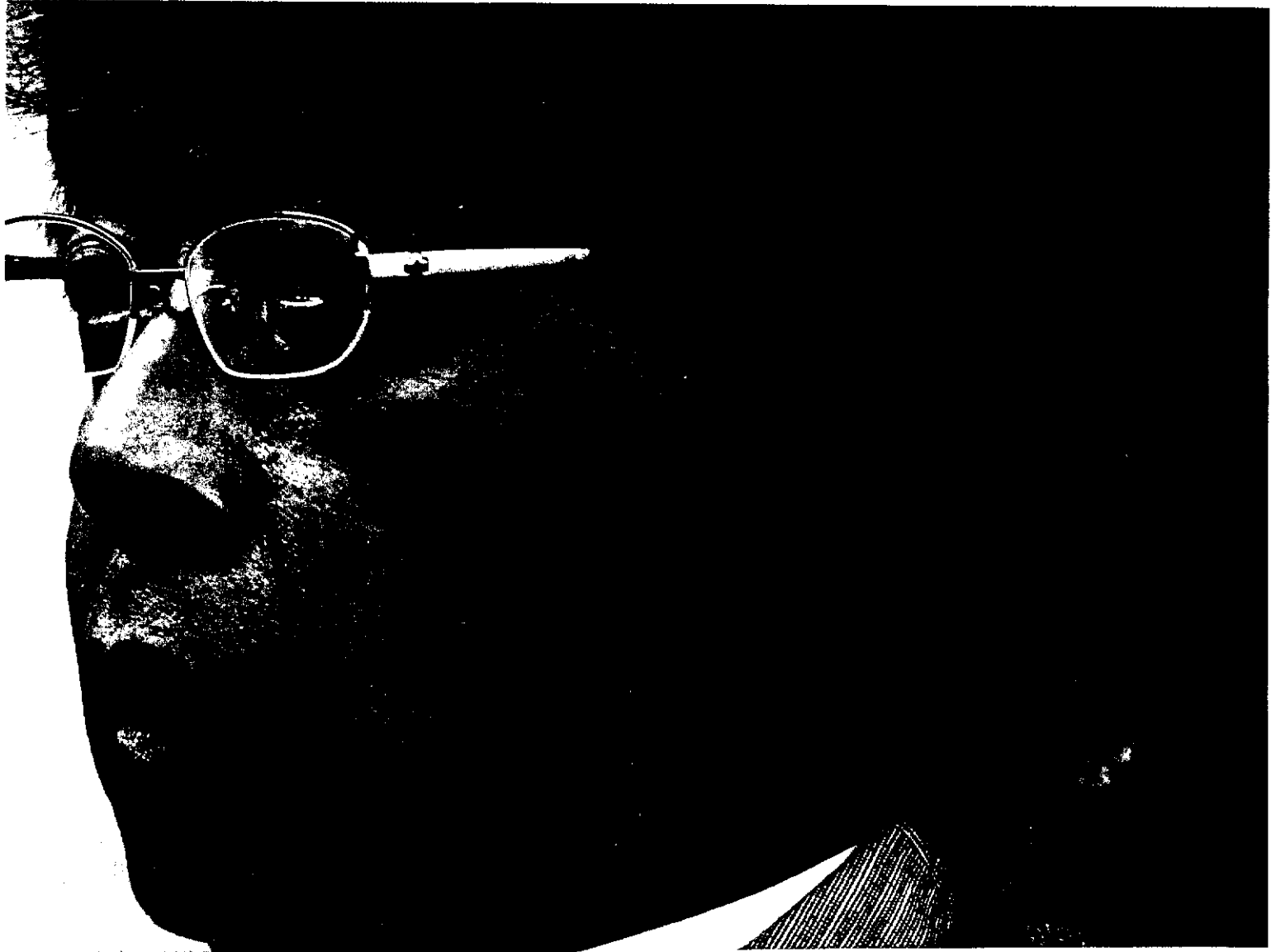
“Portugal é o Japão da Europa”

Texto **ALEXANDRA CARITA**

SÉCULO XVI

ban, que nos mostram que a nossa chegada ao Japão chegou a criar um novo estilo

baixada tem vindo a propor um programa de atividades culturais mais vasto. Desde



No ano em que se comemoram os 150 anos sobre a assinatura do Tratado de Paz, Amizade e Comércio entre o Japão e Portugal, o embaixador em Lisboa, Akira Miwa, fala de uma cumplicidade cultural e histórica entre os dois países. A cooperação a nível económico é o passo que falta para cumprir uma espécie de desígnio secular que une ambos os povos em extremos opostos do mundo. O caminho, no entanto, terá que ser desbravado quer pelos dois governos quer pelos sectores privados. O sentimento, apesar do momento financeiro, é o da nostalgia de um passado iniciado no século XVI, do qual os japoneses nunca perderam a memória.

☐ Que significado tem hoje este Tratado de Paz, Amizade e Comércio entre o Japão e Portugal e que significado terá tido há 150 anos?

☐ Este ano estamos a festejar os 150 anos desse tratado, o primeiro a ser assinado entre os dois países no ano de 1860. Nessa época teria um sentido histórico muito importante. O Japão voltava novamente a abrir os seus portos aos portugueses e o intercâmbio comercial reiniciou-se entre os dois países. No entanto, a nossa relação com Portugal é muito diferente da relação que estabelecemos com os outros países europeus. O português para nós continua a ser o primeiro europeu a ter chegado ao Japão.

☐ Os primeiros relatos da chegada de barcos portugueses ao Japão datam de 1543...

☐ Exatamente. E quando nos lembramos dessa época, especialmente daquilo que acontecia na segunda metade do século XVI, ainda nos impressiona a intensidade de intercâmbio comercial e cultural que se estabeleceu entre os dois povos. A chegada dos portugueses provocou um impacto muito grande na sociedade japonesa e hoje ainda conseguimos reconhecê-la.

☐ Em Portugal ainda guardamos nos melhores museus nacionais os biombos *narr-*

"Ainda nos impressiona a intensidade de intercâmbio comercial e cultural que se estabeleceu entre os dois povos"

RELIGIÃO

"A exclusividade exigida pela religião católica levou a que os dois países cortassem relações durante 200 anos"

ECONOMIA

"Portugal tem um potencial enorme que não está a explorar devidamente"

da ao Japão chegou a criar um novo estilo de pintura...

☐ Mas toda uma vasta influência cultural teve efeito nessa altura. O português que chegava ao Japão no século XVI conhecia muito bem o funcionamento da sociedade japonesa. Basta dar como exemplo que ainda hoje usamos um livro escrito por Luís Fróis sobre história do Japão para aprendermos a nossa própria história dessa época. É o livro de um jesuíta português que nos ensina o que fomos e como fomos. Aproveitando este ano comemorativo, penso que não devemos apenas recordar a assinatura do primeiro tratado de paz mas, sobretudo, lembrar a proximidade em que vivíamos no século XVI e nos primeiros anos do século XVII. Foi um período de intercâmbio de benefício mútuo. Comparando a intensidade dessa relação que experimentámos então com o momento atual, acho que há um imenso potencial que devemos aproveitar em prol dos dois países.

☐ Hoje em dia as relações de intercâmbio estabelecem-se sobretudo a nível económico-comercial.

☐ É uma verdade. Importamos, por exemplo, vinho português, cortiça, exportamos os nossos carros, produtos tecnológicos. Mas há também investimento.

☐ Mas em termos culturais, chegamos mais produtos culturais japoneses, do cinema à literatura, do que chegamos ao Japão marcas da cultura portuguesa, à exceção do fado, para o qual os japoneses têm uma apetência especial.

☐ Estou aqui em Lisboa como embaixador há pouco menos de dois anos e, de facto, tenho a impressão de que o povo português está muito disposto ou disponível para apreciar a cultura japonesa de hoje. Seja o *sushi*, a literatura, a manga e outras coisas. A cultura japonesa de hoje interessa ao povo português. Mas continuo a achar que ainda há muito mais potencial para aproveitar. O caminho mais eficaz para chegar ao nível de intensidade de relações intercambiais entre os dois países é a via cultural. Por isso mesmo, desde o início deste ano que a em-

de atividades culturais mais vasto, desde o Teatro No até à preparação da nossa cerimónia do chá.

☐ Terão sido realmente os portugueses os primeiros a influenciar a cozinha japonesa? ☐ Sim, sim. E nós temos consciência disso. Não só com as tempuras, que é o caso mais conhecido, mas com muitas outras coisas. Nós não consumíamos açúcar, por exemplo. Bolo é uma palavra portuguesa mas é a japonesa também para designar a mesma coisa. Pão é pão no Japão. Somos um país antigo. Quando os portugueses chegaram já tínhamos uma cultura própria e muito sólida. No entanto, na busca de evoluirmos mais ainda, precisávamos de um estímulo. A chegada dos portugueses era uma oportunidade para isso. Traziam com eles algo de novo. O povo japonês aproveitou bem essas novidades. Aquele vossa cultura era o estímulo que procurávamos para que a nossa própria cultura evoluísse. Era tão impressionante e tão diferente.

☐ Que exemplos nos pode dar desse 'aproveitamento'?

☐ O açúcar, volto a frisar, foi quase uma revolução. Não produzíamos açúcar e por isso não consumíamos. Passámos a importá-lo e com ele mudámos muitos dos nossos hábitos alimentares...

☐ Em termos religiosos, com a presença dos jesuítas, no entanto, Portugal não conseguiu penetrar na cultura japonesa.

☐ Isso, de facto, trouxe um problema para a sociedade japonesa. A religião católica só admite um deus, mas no Japão cremos na existência de muitas variedades de deuses, como acontecia na Antiga Grécia. Nós, tendo tantos deuses, estávamos abertos para aceitar mais um, porque não? No entanto, o catolicismo era demasiado exclusivo. Criou um problema social grave que acabou por dar origem a divergências políticas. Os nossos dirigentes de então queriam a continuação do contacto com os portugueses. Apreciavam a cultura portuguesa, as relações co-



merciais, etc., etc. Mas Portugal, enquanto país católico, não admira a continuidade da nossa religião. A certa altura, o Japão comunicou ao vice-rei da Índia o nosso sentimento, o nosso pensamento. O nosso desejo era manter todos os intercâmbios exceto o religioso. A nossa vontade, porém, não foi aceite. Cortámos então relações durante mais de duzentos anos, só as retomando em 1860, com a assinatura deste tratado.

❑ Ao celebrá-lo, no século XXI, diz-nos que a relação do Japão com Portugal é diferente dos outros países europeus. Que diferença é essa, que especificidades tem e porquê?

❑ Simplesmente porque os outros países não se interessaram tanto pelo Japão. Os portugueses foram o povo que permaneceu mais tempo no Japão. Portugal o país que mais contacto manteve com o Japão. A Holanda, a Inglaterra ou a França demoraram muito tempo a chegarem até nós. Naquela época, Portugal era o nosso principal interlocutor. Todos os contactos que queríamos manter com a Europa eram feitos através de Portugal.

❑ Atualmente a situação mudou muito. Nós já não somos o país do século XVI, nem economicamente nem comercialmente, e os outros países da Europa são bem mais fortes do que nós, nomeadamente a França e a Inglaterra, para só falar daqueles que citou... Poderá Portugal competir com eles?

❑ Naturalmente teremos que ter em conta a dimensão da economia portuguesa. Se a compararmos com a alemã, é natural que a relação do Japão com a Alemanha seja bem mais estreita. Mas insisto que, mesmo com uma economia pequena, Portugal tem um potencial enorme que não está a explorar. Desde a entrada de Portugal na União Europeia, nas décadas de 80 e 90, o país evoluiu muito. Estive aqui pela primeira vez em 1978 e as diferenças são extraordinariamente grandes. Hoje Portugal é um país moderno,

com infraestruturas de nível elevado. A UE trouxe muitas vantagens e mais-valias ao país. No entanto, esse facto fez com que a dependência portuguesa da economia europeia aumentasse exponencialmente. O interesse do Governo está muito voltado para o centro da Europa, o que acho natural. Mas isso traz efeitos secundários. Com esse sucesso europeu, o país tende a esquecer a importância que poderia ter no resto do mundo, fora da Europa. Sobre tudo agora, num momento em que assistimos às dificuldades económico-financeiras de toda a Europa. Penso que o Governo português e o sector privado deveriam repensar sobre a sua dependência com o pouco exagerada do mercado europeu.

❑ É o momento de intensificarmos relações com o Japão?

❑ Com o Japão sim, mas também, repeto, com todo o resto do mundo fora da Europa.

❑ Portugal poderia servir como ponte entre o Japão e o Brasil, visto que os dois países mantêm relações intensas?

❑ Portugal deveria aproveitar esse relacionamento, sim. Até numa perspectiva de expansão. A maior comunidade japonesa fora do Japão está no Brasil, 1,5 milhões de pessoas. O peso da cultura e economia japonesas dentro da sociedade brasileira é muito, muito grande. É verdade que é bem mais intenso do que com Portugal. Mas acho que Portugal pode ganhar bastante com isso. Assim como pode e deve fazer com os países africanos.

❑ Angola está a tornar-se uma grande potência. É disso que fala?

❑ Sim, também. Angola é um país no qual o Japão tem muito, muito interesse. O Brasil tem o mesmo interesse. Portugal idem aspas. Porque é que não colaboramos?

❑ A questão terá que ser colocada aos vários governos.

❑ Pois é. Nas escolas japonesas, a passagem dos portugueses pelo Japão ainda é ensinada.

❑ Os jovens têm essa consciência?

❑ Sim. Todos. Quando cheguei aqui como embaixador, tive que apresentar a minha credencial ao Presidente da República. Ele disse-me que das duas vezes em que tinha ido ao Japão, como ministro das Finanças e como primeiro-ministro, visitou escolas japonesas e tinha ficado agradavelmente surpreendido com o conhecimento histórico das crianças sobre Portugal. Vocês deviam fazer o mesmo nas escolas, ensinar a cultura e a história dos países por onde passaram. É uma pena não o fazerem. Faz parte da memória. Não a manter é quase esquecer o passado. Falo também da Índia, da China. Estão a perder a vossa memória.

❑ E quem é o português de hoje para o japonês? Há um estereótipo?

❑ Como todos os japoneses aprendem na escola a história dos portugueses, aquilo que pensam sempre que vêm à Europa é procurar essa marca histórica. Assalta-nos uma espécie de nostalgia. Tentamos colocar-nos no século XVI. É esse o português que procuramos.

❑ Mas não têm uma imagem do português de hoje?

❑ Há muitas semelhanças entre os portugueses e os japoneses. O Japão fica no extremo leste do continente, numa ilha isolada. Portugal, bem pelo contrário, fica no extremo oeste do continente. Mas ambos estão em frente do oceano. Ambos comem muito peixe. Nós também temos muitos estilos de música que se aproximam ao fado. Não sei de onde vêm, qual é a sua origem, mas mostram um tipo de sentimento e de personalidade semelhantes entre os dois povos. A maneira de sentir, o modo de reagir é muito igual. À parte do nosso relacionamento histórico, temos muito em comum. O japo-

ENSINO

“Todos os jovens japoneses têm um conhecimento profundo sobre a história. Vocês deviam preservar a vossa memória”

POVO PORTUGUÊS

“Os portugueses são um povo capaz de entender a delicadeza, a humildade e a modéstia dos japoneses”

INTERESSE EM PORTUGAL

“O sector das energias renováveis é aquele que mais nos interessa explorar em Portugal”

nês é mais português do que espanhol. Para nós a Espanha é um país muito interessante, sim, mas por causa da herança. Portugal é como se fosse o páo europeu.

❑ Portugal é o Japão da Europa?

❑ Sim, culturalmente Portugal é o páo da Europa.

❑ E o que é que nos aproxima mais a saber de estarmos tão distantes? É a nostalgia de que falava?

❑ Os portugueses são um povo capaz de entender a delicadeza e a humildade/modéstia dos japoneses. Na apresentação da cerimónia do chá (uma arte Japão), que promovemos há duas semanas no Museu do Azulejo, perceberam isso muito bem. Normalmente os estrangeiros não conseguem entender aquela simplicidade. Os portugueses não. Têm a mesma sensibilidade para as coisas delicadas. Interessam-se por elas e sabe apreciá-las.

❑ Isso ultrapassa o facto de sermos um país economicamente mais fraco?

❑ Apesar do nível económico fraco, o nível de compreensão cultural e artística é superior.

❑ E quais são os interesses específicos do Japão no Japão da Europa?

❑ Economicamente falando posso dar como exemplo o sector das energias renováveis. Dentro do continente europeu, Portugal é o país mais apropriado para apostar nesse tipo de energias, nomeadamente a energia solar. Um terço da energia solar captada na central de Mora, no Alentejo, é para o Japão. Por outro lado, o nosso carro eléctrico vai já chegar um dia destes. A Nissan vai abrir uma fábrica de baterias aqui para serem usados nesses carros. Felizmente, parece-me que os sectores privados de ambos os países encontrarão um rumo específico para poderem colaborar em conjunto e obter maior colaboração.

expresso@expresso.imprensa.pt



Opinião

Por Pedro Canavarro



O "BARCO NEGRO", LOGÓTIPO DAS RELAÇÕES LUSO-NIPÔNICAS

Refletir nas relações entre Portugal e o Japão é revermo-nos, numa perspectiva passado/presente, no mais significativo encontro entre o Ocidente e a legendária Cipangu de Marco Polo. Aceitando a data deste encontro entre 1542/43 estamos a paginar, por um lado, a nossa Europa em plena Renascença, assaz fortalecida nos domínios da ciência, do comércio e da religião, valores assumidos pelo

povo português no âmbito da sua aventura quinhentista, enquanto, por outro, o Japão feudal cuja fronteira marítima era a sua muralha natural na defesa e segurança da sua identidade, embora com algumas portas eventualmente abertas ao tráfego costeiro chinês ou coreano.

A historicidade da descoberta de uma civilização longínqua no tempo como também no espaço, o que já nos acontecera com outras civilizações primitivas ao ponto de nos quisermos integrar, sobressaiu no Japão uma qualidade desvendada que nos levou de imediato a uma política de adaptação, mesmo de aculturação, oficializada até pelo padre Valignano na ação evangelizadora dos jesuítas.

O que interessa de veras sobressair nesta histórica visão entre os primeiros ocidentais e os japoneses é eles explorarem também esta atitude de adaptação perante o Outro, já que habitantes atentos e curiosos de um país arquipélago! Interessa salientar esta atitude de adaptação mútua — símbolo de espanto comum — que levará a múltiplas influências, embora sobre óticas distintas.

A chegada habitual do Barco Negro ao porto de Nagasáqui foi um dos momentos mais relevantes na história do Dai-Nippon. Foi à volta desta grande nau portuguesa, elemento exterior e interessante no contexto comercial China-Coreia-Japão, que este Barco Negro, aí ancora-

do, se transformou no cais propício ao intercâmbio de influências. Fundeado por um período mais ou menos longo, em função das monções que o trariam a Macau, permitiu-nos um especial contacto com as populações nativas que se pode ler através do processo expressivo e realista como eles 'fotografaram' essa realidade nos biombos Namban!

Durante quase um século, o arquipélago ficou liberto para as suas relações com o estrangeiro, receptivo a influências geográficas, cujos polos fronteiriços podiam assentar em Macau, Manila, Malaca e Goa, alargando-se o tráfego comercial a toda a área denominada de influência *namban*!

Não podemos subestimar o efeito da importação de novos objetos e valores trazidos pelos portugueses, tais como o vestuário, a farmacopeia, a cirurgia, a introdução de vegetais, alimentos e animais, relógios, instrumentos de música e mesmo a tipografia, sem falar na introdução imediata da espingarda, que foram todos traduzidos num vocabulário próprio que enriquece, ainda hoje, o dicionário japonês.

Esta concentração de influência portuguesa foi a tal ponto que até a própria cidade de Nagasáqui, pela sua implantação geográfica e respetivo tecido urbano, "à nossa maneira", se diferenciou das suas congêneres japonesas. Visitá-la hoje, ainda é para o japonês "ir ao estrangeiro", é sentir nesta cidade uma Roma dis-

ESTA CONCENTRAÇÃO DE INFLUÊNCIA PORTUGUESA FOI A TAL PONTO QUE ATÉ A PRÓPRIA CIDADE DE NAGASÁQUI, PELA SUA IMPLANTAÇÃO GEOGRÁFICA E RESPETIVO TECIDO URBANO, "À NOSSA MANEIRA", SE DIFERENCIOU DAS SUAS CONGÊNERES JAPONESAS

tante, não só para os católicos nipônicos como para os japoneses em geral, sempre curiosos face ao desconhecido.

Entre ambos os povos houve, em comum, uma presença dialética de espanto/reserva já que, vivendo em circunstâncias diferentes, procuravam um diálogo, por vezes suportado em objetos que evocavam sentimentos e viagens, tomadas de posição em domínios vários como o religioso, o comercial e o científico.

Assim, os japoneses, preservando cuidadosamente a sua independência *versus* a presença estrangeira, por mais significativa que fosse, organizaram-se rapidamente, respondendo de forma específica à introdução de novos valores na criação de objetos que correspondessem ao interesse dos "invasores". Fabricaram-nos, segundo a sua tradição e a sua atitude espiritual próprias, mas, destinando-os ao mundo ocidental, procuraram, como tal, corresponder com objetos de pequenas dimensões e leveza de materiais, garantir uma fácil exportação procurando tirar o máximo partido dos seus contactos com os portugueses, acabando por assumir uma presença inédita no comércio da comunidade internacional alargada.

Este "estar" é visível na realidade do mundo global de hoje, absorvendo rapidamente, ora na sua geografia própria ora na sua pátria de emigração, os valores que o Barco Negro ainda simboliza!

Opinião

Por João Paulo Oliveira e Costa



PERSONAGENS ÍMPARES

O encontro luso-nipónico (1543-1640), foi marcado por trocas comerciais muito lucrativas e por um intercâmbio cultural intenso, inclusive na sua dimensão religiosa. Portadores de produtos aliantes e de informações extraordinárias sobre o mundo exterior, os portugueses tiveram as condições ideais para se fixarem no país do Sol Nascente, para o impressionar e para deixar aí uma marca perene, que ainda se sente na atualidade. No entanto, a essas condicionantes estruturais favoráveis juntou-se ainda um outro elemento que tornou mais fecundo este encontro luso-nipónico. Estou a referir-me aos próprios protagonistas: os homens que dialogaram entre si — tanto os portugueses e outros europeus que transmitiram a sua cultura original, como os japoneses que os acolheram e que procuraram defender os seus interesses pessoais e os do império no confronto com o novo mundo exterior que despontara aos seus olhos, depois do desembarque dos primeiros aventureiros numa praia da remota ilha de Tanegashima.

Entre os pioneiros do contacto contaram-se Fernão Mendes Pinto, que nos brindou com um relato fascinante e muito fidedigno da sua experiência. Entre os seus companheiros de aventura contava-se Jorge Álvares, que nos deixou o primeiro esboço psicológico das gentes do Japão, assim como um retrato do país. Entre os amigos de Mendes Pinto contou-se ainda São Francisco Xavier, o funda-

dor das missões jesuítas na Ásia, que esteve no Japão 27 meses (1549-1551). Personalidade arrebatadora, cativou alguns dos principais senhores da guerra nipónicos e criou as condições para que o cristianismo se propagasse pelo Japão. Entre os missionários que lhe seguiram as pisadas encontramos Cosme de Torres, o sucessor de Xavier, pioneiro na admissão de nativos nas fileiras da Companhia e inventor de Nagasaki; Gaspar Vilela, o fundador do modelo da acomodação, que durante cinco anos viveu na zona de Quioto, a capital imperial, sem contactar com nenhum outro europeu; Luís Fróis, que sucedeu a Vilela na missão de Quioto, que foi o primeiro cronista da missão e um dos homens que mais aprofundou o respeito pela cultura nipónica; a seu lado estava o irmão Lourenço, um japonês meio cego, que serviu a missão durante mais de 30 anos, e cuja figura frágil foi suficientemente carismática para converter centenas de samurais ao

Evangelho; Alexandre Valignano, o visitador que aprovou o modelo da acomodação iniciado pelos jesuítas portugueses; D. Luis Cerqueira, o único bispo daquela época que teve em seu redor apenas clero secular nativo, e que começou a conceder a ordem sacerdotal a japoneses ao arripio das ordens vindas de Roma.

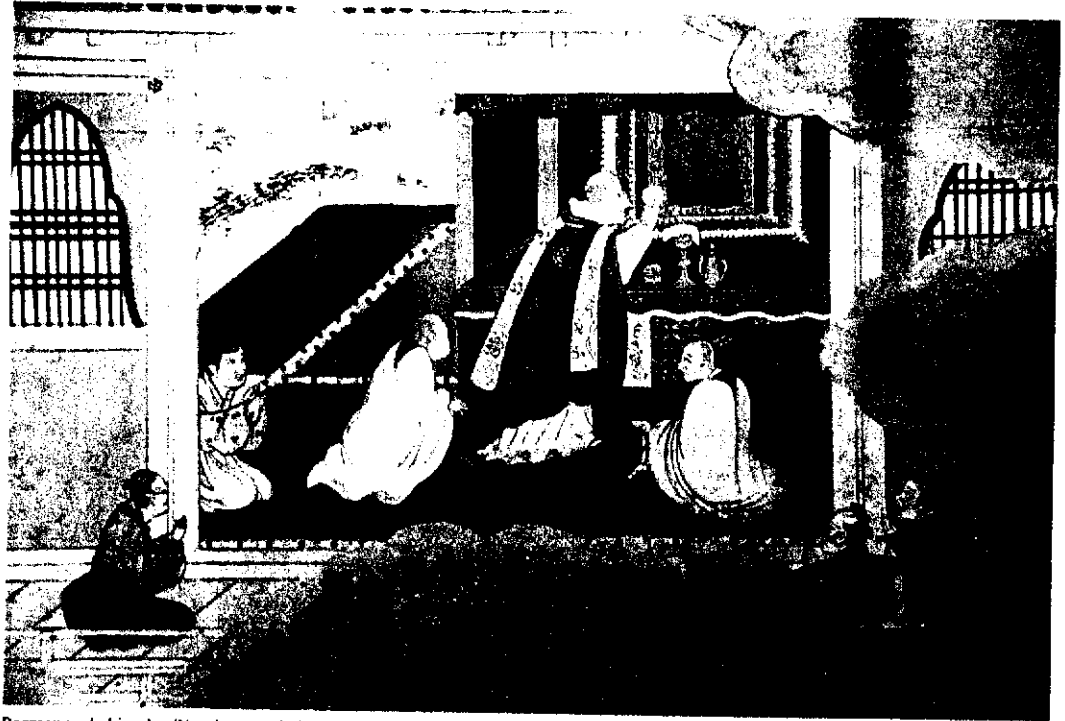
Do lado japonês devemos evocar especialmente Takayama Ukon Justo, Otomo Yoshishige Francisco, Omura Sumitada Bartolomeu e Konishi Yukinaga Agostinho, os principais senhores da guerra que receberam o batismo e que permaneceram sempre fiéis à nova fé. Este foi também o tempo dos três unificadores do império: Oda Nobunaga (1534-1582), o génio militar, que se deixou fascinar pela fama que granjeava no exterior, e que rompeu com o impasse militar em que o país estava mergulhado pelo sábio aproveitamento das armas de fogo trazidas pelos portugueses, adotando uma

PORTADORES DE PRODUTOS ALIANTES E DE INFORMAÇÕES EXTRAORDINÁRIAS SOBRE O MUNDO EXTERIOR, OS PORTUGUESES TIVERAM AS CONDIÇÕES IDEIAS PARA SE FIXAREM NO PAÍS DO SOL NASCENTE, PARA O IMPRESSIONAR E PARA DEIXAR AÍ UMA MARCA PERENE, QUE AINDA SE SENTE NA ATUALIDADE

rúta revolucionária, tornando as espingardas mais eficazes do que eram na Europa; sucederam-lhe Toyotomi Hideyoshi (1536-1598), o guerreiro que concluiu a unificação, e Tokugawa Ieyasu (1542-1616), o general paciente que obteve a vitória final.

Estes são alguns dos nomes mais sonantes, mas não devemos esquecer as centenas de milhares de japoneses que aceitaram o cristianismo e que enfrentaram a hostilidade do poder político. São outros tantos protagonistas deste encontro, que não podem ser ignorados, pois a sua escolha individual de persistirem na fé foi decisiva para que o encontro luso-nipónico fosse interrompido bruscamente — porque foi demasiado bem sucedido e, por isso, assustou os *shoguns*.

Passado o susto, resta uma memória que portugueses e japoneses hoje procuram honrar e da qual procuram tirar lições de convivência intercultural.



Pormenor de biombo (Namban Bunkakan): sacerdote europeu auxiliado por cristãos japoneses

A cadeira

A cadeira era um objeto raro ou mesmo desconhecido fora do espaço da cristandade, e os Descobrimentos universalizaram-na. O Japão não escapou a esta primeira vaga globalizadora.

Objeto destinado ao descanso e ao convívio, a cadeira era também um símbolo de poder, pois o trono distinguia reis e imperadores. O banco era o assento mais comum, mas no tempo dos Descobrimentos a cadeira começava a vulgarizar-se. Diz Caminha que Pedro Álvares Cabral acolheu dois índios do Brasil na sua nau "sendo em uma cadeira, e uma alcantifas pés por estrado". A partir do século XVI, este objeto tornou-se também um símbolo de poder de muitos chefes africanos que contactavam com os portugueses e na Índia foram experimentadas novas técnicas e novas matérias-primas, o que possibilitou, por exemplo, o aparecimento das cadeiras de palhinha.

Chegados ao Japão, logo os navegadores portugueses notaram que o ato de sentar voltava a ser problemático, até porque as refeições decorriam em torno de mesas muito baixas com os convivas ajoelhados, o que ainda hoje é muito desconfortável para a maioria dos ocidentais. Assim, por entre a panóplia de objetos que os *nanbanjin* introduziram no país do Sol Nascente contou-se a cadeira. Os autores dos *biombos nanban*, tão atentos à novidade, retrataram portugueses sentados em cadeiras desabraveis, e mostram escravos ou criados de fidalgos e mercadores transportando essas cadeiras.



Pormento de biombo *nanban* mostrando cadeira de abrir

E também no Japão este novo objeto cedo foi experimentado como símbolo de poder. Em 1581, Oda Nobunaga, o grande guerreiro que iniciou a reunificação política do Império e que manteve uma relação amistosa com os jesuítas, fez-se passear numa parada em Quioto numa cadeira de estado em veludo, que lhe havia sido oferecida pelos missionários. Objeto nunca antes

visto no centro do Japão, a cadeira dos portugueses realçava o poder do senhor da guerra.

Apesar de um século de convívio com os *nanbanjin*, os japoneses continuaram a comer ajoelhados. A cadeira teve de esperar mais uns séculos para se tornar um objeto comum no país do Sol Nascente.

JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA

Teppo-Ki, a espingarda

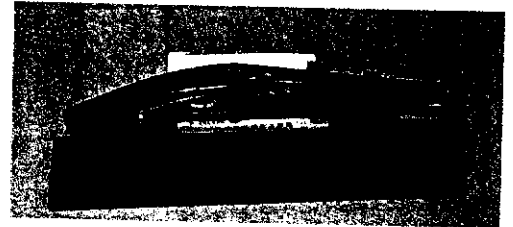
No primeiro encontro entre portugueses e japoneses, há 400 anos, revela-se de imediato a, já então, tradicional apatência do povo nipónico para absorver as novas tecnologias com que toma contacto. A espingarda foi introduzida de modo espontâneo pelos mercados, mas o senhor de Tanegashima comprou de imediato duas armas, sem discutir sequer o preço, e ordenou a um dos seus vassallos o estudo do método de fabrico dos arcabuzes. O estudo foi bem sucedido e a fama das armas de fogo espalhou-se de Kyushu a Quioto.

Deste encontro fica ainda a imagem dos japoneses sobre esta "nova" gente, incivilizada e inofensiva, registada na "Teppo-ki, Crónica da Espingarda":

"Estes homens, bárbaros do Sudeste, são comerciantes. Compreendem até certo ponto a distinção entre superior e inferior, mas não sei se existe entre eles um sistema próprio de etiqueta. Bebem em copo sem o oferecerem aos outros; comem com os dedos, e não com os pauzinhos como nós. Mostram os seus sentimentos sem nenhum reboço. Não compreendem o significado dos caracteres escritos. São gente que passa a vida errando de aqui para além, sem morada certa, e trocam as coisas que possuem pelas que não têm, mas no fundo são gente que não faz mal".

A imagem de civilidade que, de modo implícito, os japoneses se reviam e posteriormente corroborada pela Companhia de Jesus. De entre os primeiros aspetos registados por todo o jesuíta que desembarcava no Japão, constava a polidez no trato, a afabilidade, o respeito pelas precedências, o horror ao furto ou a frugalidade na alimentação... qualidades estas que, segundo os mesmos registos dos missionários, aproximavam os nipónicos dos portugueses!

ANA FERNANDES PINTO



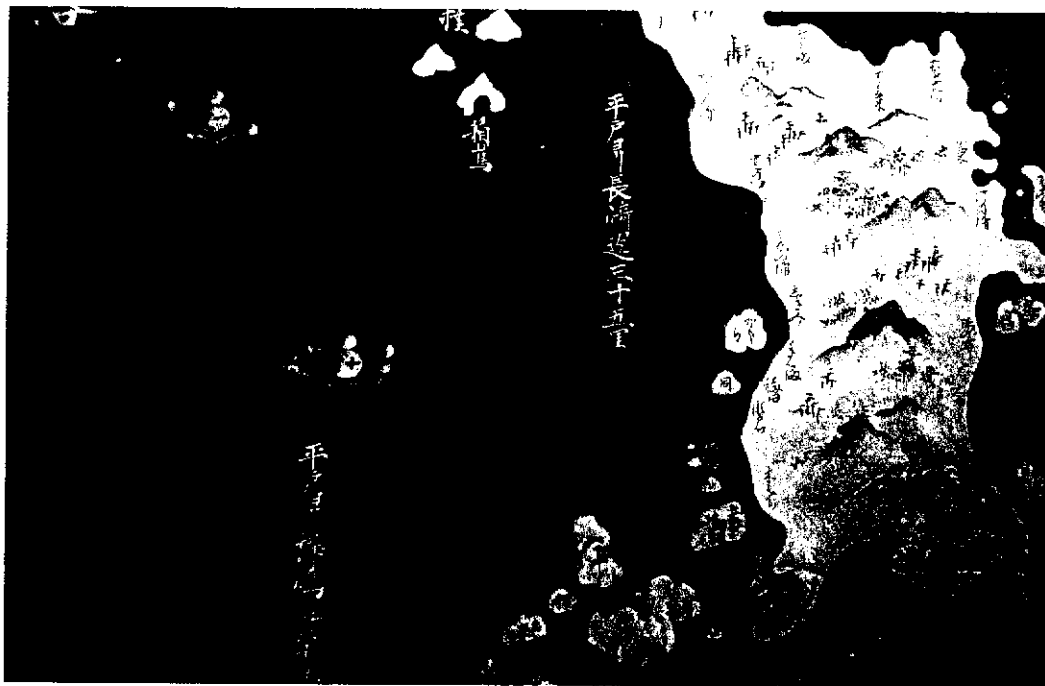
A fama das armas de fogo espalhou-se de Kyushu a Quioto

O 1º médico no Japão

Luís de Almeida merece a estátua que lhe fizeram em Oita, no sul do Japão. Dedicou a sua vida aos outros, sobretudo aos que sofriam. Alberto Vaz da Silva, no seu diário da viagem de comemoração dos 450 anos, conta-nos o que se sabe deste homem que se tornou uma figura venerada no Japão.

Luís Fróis, na "História do Japão", relata como se revelou cirurgião destro e especialista na aplicação de unguentos. Compreendemos que os japoneses que regulavam a saúde do corpo pelo equilíbrio do espírito também se tenham deixado deslumbrar por alguém que era perito em extrair balas de mosquete e outras cirurgias, em sarar feridas e aliviar lepras. A fé que nele depositavam contribuiu para os milagres verificados. Mas a aura que ainda hoje acompanha Santo Almeida, como lhe chama o Japão, não é simples feito de um hábil mercador que se tornou padre e tinha jeito para a medicina. Nem nos convencemos de que o conhecimento profundo das propriedades do óleo de eucalipto, do estímulo das correntes energéticas provocado pelo almíscar ou da influência do incenso na vitalidade, ou ainda o adequado discernimento dos poderes de certas raízes ou essências aromáticas ou da ação magnética de alguns metais possam explicar essa fulminante santidade outorgada pelo povo."

A dádiva de Luís de Almeida ao Japão revela uma entrega total indo ao encontro dos que mais precisavam. Montou o primeiro hospital do Japão. Que terão pensado os japoneses? Seria preciso estudar melhor os documentos locais da altura para perceber o sucesso deste homem cuja fama atravessou cinco séculos. Vaz da Silva relata: "A visita ao hospital Luís Almeida leva-nos a evocar a vida de um homem versado em arrazoados latino, medicina e humanidades. Depois de uma viagem a Goa, onde trava conhecimento com os missionários jesuítas e assiste numerosos doentes, parte para o Japão em 1552. Retira-se em Funai, atual Oita, faz os seus exercícios espirituais, reconhece que 'me hia chegando aos trinta anos, idade que manda a Igreja que cada um



Museu do Castelo de Osaka: biombo encomendado por Hideyoshi, representando Nagasáqui

se determine na vida que ha ter para que, seguindo e tomando o estado que lhe Nosso Senhor der a sentir, não viva em pecado mortal'. Ingressa na Companhia de Jesus decidido a aliviar as doenças corporais dos seus irmãos. É grande o seu papel na fundação do hospital do Bungo que abriu portas em Funai, junto de uma casa para crianças abandonadas.

Não basta conhecer o fundo mineral do organismo para equilibrar almas. O coração desse ho-

mem tinha que irradiar um imponderável poder unificador, a consonância do seu espírito que attingir acordes de benevolência e constância pouco comuns; para ele não podiam existir impaciências ou cansaços. O monumento de Amakusa mostra-o a impor as mãos na cabeça de uma criança, mas as mãos, como o olhar ou o pensamento, são apenas meios. É o magnetismo do coração que une aos mundos distantes."

E a vida extraordinária deste ho-

mem não é contada nas escolas portuguesas! Trabalho humanitário de grande qualidade, enriquecedor de uma globalização espontânea que estes dois povos viveram. O orgulho de ter gente desta na nossa cultura não é realçado a tempo de nos servir de exemplo! Quanto mais conheço o que os portugueses fizeram no Japão, mais pena tenho de se terem esquecido de nos contar a nossa história do século cristão no Japão!

CRISTINA CASTEL-BRANCO